

Julieta Monginho Novo romance, 'renovação contínua'

Entrevista e pré-publicação de *Volta ao Mundo em Vinte Dias e Meio* PÁGINAS 14 E 15



JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

LUÍSA CUNHA, Prémio EDP
Escultora de palavras PÁGINAS 20 E 21

ANTÓNIO BORGES COELHO
O ofício de historiador PÁGINAS 23 E 24

ANABELA MOTA RIBEIRO
Os Filhos da Madrugada PÁGINAS 28 E 29



Sá de Miranda



Camões em retrato de Columbano



Antero de Quental em retrato de Columbano

► Por um lado, Tomás Manuel, engenheiro inútil e boémio, é o termo de chegada de um poder familiar herdado, remanescente e quase extinto, assente na dominação ainda exercida sobre o espaço (de novo a casa, neste caso sobranceira à lagoa), sobre o criado, sobre os cães e, mais ainda, sobre a mulher; por outro lado, Tomás Manuel representa a “família” social e mental do marialva enquanto figura sustentada (termo que aqui diz muito) por uma economia agrícola em falência, ligada ao mundo dos toiros, dos cavalos e do machismo que estimula a animalização da mulher. Diz Tomás Manuel: “Para a cabra e para a mulher, corda curta é que se quer” (edição Relógio d’Água, p. 67). No fim das contas, a família está condenada à extinção: a morte enigmática de Maria das Mercês e a suspeitada (e traumática) esterilidade do macho incapaz de dar continuidade à linhagem dos Palma Bravo assinalam o fim de um mundo, de um tempo e de um modo de vida que, nos nossos anos 60, ainda sobreviviam.

6 Num outro espaço – o do Alentejo –, a família Mau-Tempo, em *Levantado do Chão*, de José Saramago, deixa perceber a herança literária neorrealista observada em *Barranco de Cegos*. Uma família que, neste caso, traz o tempo estampado no nome (e com marcação disfórica), mas também na vivência de um trânsito histórico que as suas várias gerações conhecem. Esse trânsito é extenso, diga-se de passagem, porque os Mau-Tempo atravessam todo o século XX português, mas vêm de muito antes:

■ Maria Amélia Neto (1928–2016) publicou em vida seis breves livros de poesia, quatro deles entre 1960 e 1966 e o derradeiro em 1999, duas traduções de T.S. Eliot – *Quatro quartetos* (1963) e *A Terra sem Vida* (1972) – e meia dúzia de textos na imprensa, a maior parte dedicados ao poeta americano naturalizado inglês que traduziu e editou. Os seus quatro primeiros livros, entre 1960 e 1964, foram publicados em edições de autor, de pouca circulação, e apenas o de 1966, *O silêncio de Amon*, foi editado pela casa comercial que lhe publicara a primeira tradução de Eliot (1963), a *Ática*, e que depois lhe editaria a segunda (1972), e mais tarde, já com Vasco Silva, a derradeira coletânea poética, *Oeste, terra dos mortos*.

A receção crítica que obteve com os seus livros de poesia foi muito limitada, nunca obtendo qualquer distinção ou prémio literário. O mais que teve foram duas críticas de João Gaspar Simões no *Diário de Notícias* sobre dois dos seus livros (1-1-1963 e 5-1-1967), uma recensão de António Ramos Rosa ao seu livro de estreia (*Seara Nova*, n.º 1387/8, Maio-Junho, 1961) e a inclusão por Jorge de Sena na 3.ª série da antologia *Líricas Portuguesas* (2.ª ed., 1983) – e pouco mais. Salvo uma nota de Gil de Carvalho na revista *Colóquio/Letras* (n.º 155/6, Janeiro, 2000), o seu último livro não

tinha, e que tão patente ficou na coleta da 3.ª série, tivesse sopesado a sua poesia como “uma das maiores revelações dos anos 60”.

Tirando isto, sabia-se que Maria Amélia Neto pertenceu à primeira direção da Associação Portuguesa de Escritores, aquela que teve José Gomes Ferreira por presidente, e que integrou o núcleo fundador do PEN Clube em Portugal, que depois da Revolução garantiu a constituição dum centro português. Mas nem tais contactos mais es-treitos com o meio literário e crítico lhe valeram. Morreu no ano em que completaria 88 anos, sitiada por um muro de silêncio, sem que uma notícia, um obituário ou uma única palavra sobre ela tivessem vindo a lume na imprensa ou em qualquer outro órgão de comunicação. Era uma poetisa esquecida, cujo rasto se diluía de todo, o que é vulgaríssimo numa atmosfera onde os poetas se multiplicam e desaparecem como tortulhos efémeros.

Deu-se o caso de nos últimos anos dois outros poetas, muito mais novos, José Carlos Marques e Rui Magalhães, terem tido acesso aos seus livros e se terem interessado pela sua obra. Editor da revista *DiVersos* – poesia e tradução, o primeiro comprou em saldo o seu último livro – a *Ática* falira havia pouco – e logo pensou em organizar uma recensão antológica da

Maria Amélia Neto – poesia ‘resgatada’

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO



M^ª Amélia Neto com José Gomes Ferreira, ambos na direção da APE

através de Luís Amaro e chegou a contactá-la por carta, pedindo-lhe autorização para a referida antologia. A poeta acedeu, mas com a condição de ser ela a antologiar-se.

O tempo passou e as cartas ulteriores do editor ficaram sem resposta. José Carlos Marques tentou então telefonar e só obteve como resposta “o número não está atribuído”. Finalmente em dezembro de 2016 veio a Lisboa – vive no Porto – e procurou-a em casa, em sete-Rios, onde lhe disse que ela vivia com família e que

Procurou alguma notícia sobre a sua morte, inclusive na “internet”, mas não encontrou sequer uma linha. Tentou também o contacto com o cartório notarial onde corria a habilitação, mas nunca conseguiu sequer chegar à fala com a notária.

A história de Rui de Magalhães não é muito diferente. Comprou em saldo os dois últimos livros da autora, os da *Ática*, e muito surpreendido com a complexidade ideativa dos seus versos tentou de imediato saber mais. O que conseguiu foi comprar os livros em falta da escritora em alfarrabista. De resto, nada. Mesmo os que haviam estado com ela na APE e na criação do PEN português nada sabiam. Como última hipótese, decidiu colocar um anúncio no JL, na esperança de que surgisse notícia ou novidade. Num canto de página, o anúncio apareceu na edição do jornal de 23-10-2019 (n.º 1280, p. 23), mostrando uma lupa e dizendo: “Maria Amélia Neto – Professor universitário, estudioso da obra da poeta, procura informações sobre a sua vida e obra, bem como contacto com os seus herdeiros com vista à publicação da sua obra completa. Por favor contactar o e-mail: (...)” Teve uma única resposta, mas esta entusiasta – a do editor da revista *DiVersos*.

Resultado do diálogo dos dois, conseguiu-se uma certidão de óbito

Carlos Marques no n.º 30/31 da sua revista, saída em novembro de 2020, publicou a antologia que há anos pensara, e Rui Magalhães acaba de nos dar a obra da autora (ed. *Várias Vozes*) em dois volumes, essa “obra completa” com que já sonhava no momento em que pôs o anúncio – o 1.º republicando os seis livros conhecidos e o 2.º de inéditos, em que se destaca uma trabalhada peça de teatro em dois atos.

A mesma editora acaba também de dar a lume um longo estudo de Rui Magalhães, *Porque existe sangue no perfume das maçãs – A poesia de Maria Amélia Neto*, com valiosos anexos iconográficos e biográficos inéditos, entre eles uma carta de T.S. Eliot de 1963 para a autora, e um elaborado glossário da sua poesia, cujas fontes religiosas e esotéricas exigem cuidada dilidação. Magalhães é ainda autor dum outro estudo muito mais sintético sobre Maria Amélia Neto (*Colóquio/Letras*, n.º 205, set. -dez., 2020), que é porventura, no entusiasmo com que aborda esta autora sonogada e nas conclusões sobre o perfil gnóstico da sua poesia, o embrião daquele que agora numa forma mais completa nos dá. JL



► **Maria Amélia Neto**
OBRA POÉTICA 1 E
OBRA POÉTICA 2

Edição e introdução de Rui Magalhães
Várias Vozes, 2021, 216 pp.
e 222 pp., 12 euros (cada)

► **Rui Magalhães**
PORQUE EXISTE
SANGUE NO
PERFUME DAS
MAÇÃS?
– A POESIA DE

Manuel Frias Martins

Um outro Saramago



OS DIAS DA PROSA
Miguel Real

A

caba de sair a 2.ª edição, aumentada (1.ª ed.: 196 pp.; 2.ª ed.: 232 pp.), de *A Espiritualidade Clandestina de Saramago*, de Manuel Frias Martins (MFM), um livro distinguido, na sua 1.ª ed., com o Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho 2015.

Com efeito, este ensaio veio provocar uma pequena revolução na hermenêutica saramaguiana, denunciando a identificação da obra do autor com um materialismo e um ateísmo grosseiros que José Saramago nunca defendeu. Assim, desde 1982 (jornal *o diário*, 21 de novembro) que Saramago defende que “o meu realismo é um realismo de portas abertas”, ou seja, estilisticamente tudo nele cabe, o maravilhoso, o fantástico, a sensibilidade poética. Em 1993, a *Setembro*, revista de literatura, arte e espetáculos, (n.º 1, jan. -março), declara: “Somos todos cristãos no plano da mentalidade (...) Estamos marcados por aquilo que nos formou, que é o cristianismo”. E, em 1996, a *Clarín* (Argentina, 19 de maio) define-se como “um ateu com mentalidade cristã”.

São apenas três exemplos de como uma certa espiritualidade também entroncava no arquétipo mental da sua obra, como “subtexto clandestinamente operacional em muitas das avaliações saramaguiana da ação do homem e das culturas que lhe formataram a consciência, mas também a preocupação ética revelado pelo intelectual interveniente na vida pública se casava primorosamente com o inventor de personagens e cenas de vida assinaladas pela funcionalidade moral

da representação literária num corpo linguístico (cf. livro de MFM, *Matéria Negra. Uma Teoria da Literatura e da Crítica Literária*, 1993).

REFERINDO OUTROS, MFM CENTRA A SUA ANÁLISE em dois romances de Saramago, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Caim*. O conceito de “a escrita de si”, de Duras (p. 43), mas sobretudo de Ricoeur, um “Si” que engloba tanto o eu quanto o outro, tanto a biografia própria quanto a cultura que o alimenta e fundamenta, revela-se em Saramago “enquanto escritor-personagem, ou, melhor, enquanto sujeito que se (re)vê nas personagens que vai desenhando literariamente” (Idem). Aqui, o autor relembra a polémica cordata havida com Saramago a propósito da sua tese relativa à sobrevalorização do autor face ao narrador. E, pegando nas palavras de Saramago, reafirma o que escrevera no JL de 3 de setembro de 1996, acrescentando: “É por isso que, segundo creio, os romances bíblicos do ateu José Saramago podem sugerir os patamares interpretativos (...) acerca do subtexto espiritual que os percorre. A clandestinidade funcional desse subtexto faz com que os romances estejam muito para além daquilo que nos conta a biografia ou o retrato público do homem histórico José Saramago” (p. 45). É a tese da “narrativa de si” (p. 44), ou o conceito “de si” de Ricoeur.

A partir da p. 61, o autor desenvolve o seu conceito de espiritualidade como “estado poético do espírito”, unindo-o ao seu conceito de “matéria negra” – “um estado de possibilidade criativa, ou um nada germinal de representação (literária) cuja força é poética resolvida de múltiplas esferas”.

O 1º ANO – JL26

nte - com a primeira

a para Sophia...

...relivância, como grande
...nossa língua, e as muitas
...que ao longo dos tempos
...grande destaque aqui
...quando identificar este
...a 13 de 1982) como o de
...uma vez que Sophia foi capa
...efectivo, uma foto sua, só o
...minha a nossa 1ª página dessa

Já nas pp. 8 e 9 temos James Joyce e *Ulisses* num texto de Claude Roy. Nas linhas com que nessa altura antecipávamos os títulos das principais matérias, escrevia-se, citando o poeta (Prémio Goncourt), ensaísta e destacado de *Le Nouvel Observateur*: “Entrarás na Arca. Introduzirás aí duas espécies de todos os animais, macho e fêmea, para os conservares em vida contigo”. Estas palavras de Yahé a Noé poderão servir, no contexto de um outro dilúvio (de sangue, 1914-1918) para definir a obra de Joyce, irlandês errante e génio da novelística moderna.” E, a fechar a p. 9, a inconfundível crónica de Augusto Abelaira, *Ao Pé das Letras*.

Que tal?... A matéria sobre o outro artista com foto na capa, Woody Allen como vimos, vem nas pp. 16 e 17. Até chegar lá temos artigos de António Aresta sobre filosofia e de A. Campos Matos sobre arquitetura, um ensaio de Ana Cristina Leite e Paulo Pereira sobre património - a coluna de Nuno Bragança e uma conversa com o escritor guineense Helder Proença. Sobre Woody Allen escrevem Clara Ferreira Alves (“A ‘melhor nódoa’ da malícia no obsoleto da ‘melhor cultura’”) e José Gabriel Pereira Basto (“Cinco passos em torno do desespero”) - a primeira nossa jovem jornalista, o segundo antropólogo, psicanalista e docente universitário, nosso colaborador desde o nº 2 (e dá-se a grande e triste coincidência de, enquanto aqui a ele me refiro, me surgir no XXXXX do computador a notícia da sua morte! - ler no Em Destaque).

E ainda nesta excelente edição: uma entrevista com Lourdes Castro, em Paris, por Daniel Ribeiro, rendido à sua obra e à sua personalidade, e outra, mais curta, com Maria João Pires, por Pedro Vieira; uma substancial recordação/análise, por Irineu Garcia, da Semana de Arte Moderna em S. Paulo, 60 anos atrás; José Palla e Carmo numa calorosa saudação a Ruben A.; Ilse Losa a ‘contar’ o Encontro em Berlim-Leste para o Incremento da Paz, designadamente das intervenções de Gunther Grass e Stephan Hermlin; a “revelação” do enorme painel cerâmico de João Abel Manta para a Avenida Calousta Gulbenkian, em Lisboa (e lá continua), com um comentário de José Cardoso Pires - mais as habituais secções

de notícias e críticas, entre estas as feitas a livros de Fernando Guimarães (com poemas inéditos seus) por Álvaro Manuel Machado, e de Pedro



SOPHIA, um retrato. Entrevista de Maria Armada Passos e três poemas inéditos ■ WOODY ALLEN visto por CLARA F. ALVES e J. G. PEREIRA BASTOS ■ Saudação a RÚBEN A., por JOSÉ PALLA e CARMO ■ Duas poéticas: FERNANDO GUIMARÃES e PEDRO TÁMEN ■ JAMES JOYCE e «Ulisses», por CLAUDE ROY ■ GUILLEVIC: «Não confundo a poesia com as bandeiras.» Entrevista de António Mega Ferreira ■ «Reler» Santa Maria de Belém ■ LOURDES CASTRO e MARIA JOÃO PIRES falam ao «JL» ■ As crónicas de ABELAIRA, AGUSTINA e NUNO BRAGANÇA

...está na minha poesia. A
...o que é. Ninguém diz o que
...poesia é anticonfessional. Por
...stus...”
...poemas inéditos da autora
...maginas e meia. Na outra meia
...de Agustina Bessa-Luis -
...lha mam dia de Verão”.
...António Mega
...Guillevic. “Não
...uma sua afirmação



PROPRIETÁRIA/EDITORIA: TRUST IN NEWS, UNIPESSOAL LDA.
SEDE: Rua da Fonte da Caspolima - Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, nº8, 2770-190 Paço de Arcos
NIPC: 514674520
GERÊNCIA DA TRUST IN NEWS: Luís Delgado, Filipe Passadouro e Cláudia Serra Campos.
COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DA ENTIDADE
PROPRIETÁRIA: 10.000,00 euros
PRINCIPAL AÇIONISTA: Luís Delgado (100%)
PUBLISHER: Mafalda Anjos



DIRETOR: José Carlos de Vasconcelos



REDADORES: Maria Leonor Nunes, Manuel Halpern, Luís Ricardo Duarte. Colaboradores permanentes: Afonso Cruz, Agripina C. Vieira, André Freire, A. C. Cortez, A. Mega Ferreira, Boaventura de Sousa Santos, Carlos Fiolhais, Carlos Reis, Daniel Tércio, Fernando Guimarães, Guilherme d'Oliveira Martins, Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, Helena Simões, J. Rego de Almeida, João Govern, João Ramalho Santos, Lídia Jorge, Manuela Paraiso, Mª Alzira Seixo, Mª Emília Brederode Santos, Mª José Rau, Mª João Fernandes, Mª Augusta Gonçalves, Miguel Real, M. Sanches Neto, Nuno Júdice, Onésimo Teotónio Almeida, Paulo Guinote, Patrícia Portela, Sofia Soromenho, Tiago Patrício, Tiago Rodrigues, Válder Hugo Mãe e V. Soromenho-Marques

OUTROS COLABORADORES: A. Laborinho Lúcio, A. Cândido Franco, A. Pedro Pita, A. Sampaio da Nóvoa, Ana Maria Bettencourt, Arnaldo Saraiva, B. Bénard-Guedes, C. Mendes de Sousa, Fernando J. B. Martinho, F. Pinto do Amaral, Gastão Cruz, Filinto Lima, E. Marçal Grilo, Graça Moraes, Hélia Correia, I. de Loyola Brandão, Inês Pedrosa, João Abel Manta, João Barrento, João Costa, J. A. Cardoso Bernardes, Jorge Fazenda Lourenço, J.-A. França, José Luís Peixoto, José Manuel Castanheira, José Manuel Mendes, José Reis, J. Gomes André, Leonor Xavier, Manuel Alegre, M. Frias Martins, Marcello Duarte Mathias, Mª Fernanda Abreu, Mª Graciete Besse, Mª Helena Serôdio, Mª Irene Ramalho, Mª Luísa R. Ferreira, Mário Avelar, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, M. Vieira de Carvalho, Miguel Carvalho, Nélida Piñon, Norberto V. Cardoso, Ondjaki, Pilar del Rio, Ramón Villares, Ricardo Araújo Pereira, R. Miguel Puga, Rui Vieira Nery, Salvato Teles de Menezes, Sérgio C. Sousa, Sérgio Rodrigues, Sofia Soromenho, Teolinda Gersão, Teresa Toldy

PAGINAÇÃO: Patrícia Pereira

SECRETARIA: Teresa Rodrigues

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Gescso

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS: Rua da Fonte da Caspolima - Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, 8 2770-190 Paço de Arcos - Tel.: 218 705 000 Fax: 218 705 001 email: jl@jornaldeletras.pt. Delegação Norte: Rua Roberto Ivens, 288 4450-247 Matosinhos - Tel.: 220 993 810

MARKETING: Marta Silva Carvalho (diretora) - mscarvalho@trustinnews.pt e Marta Pessanha (Gestora de Marca) - mpessanha@trustinnews.pt

PUBLICIDADE: Vânia Delgado (Diretora Comercial) vdelgado@trustinnews.pt; Maria João Costa (Diretora Coordenadora de Publicidade) mjcosta@trustinnews.pt; Mariana Jesus (Gestora de Marca) mjesus@trustinnews.pt; Mónica Ferreira (Gestora de Marcas) mferreira@trustinnews.pt; Rita Roseiro (Gestora de marca) - rroseiro@trustinnews.pt; Elisabete Anacleto (Assistente Comercial) eanacleto@visao.pt; Flórela Figueiras (Assistente Comercial) ffigueiras@visao.pt; DELEGACAO PORTO: Margarida Vasconcelos (Gestora de marca) mvasconcelos@trustinnews.pt; Rita Gencsi (Assistente Comercial) rgencsi@trustinnews.pt PARCERIAS E NOVOS NEGÓCIOS: Pedro Oliveira (Diretor) poliveira@trustinnews.pt

BRANDED CONTENT: Rita Ibérico Nogueira (Directora) rnogueira@trustinnews.pt

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO: João Mendes (Diretor)

Telf Lisboa - 21 870 5000

Telf. Porto - 22 099 0052

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO: Vasco Fernandez (Diretor); Pedro Guilhermino (Coordenador de Produção); Nuno Carvalho, Nuno Gonçalves e Paulo Duarte (Produtores); Isabel Anton (Coordenadora de Circulação)

ASSINATURAS: Helena Matoso (Coordenadora de Assinaturas)

SERVIÇO DE APOIO AO ASSINANTE: Tel.: 21 870 50 50 (Dias úteis das 9h às 19h); apoiocliente@trustinnews.pt

IMPRESSÃO: Lisgráfica - Casal de Sta. Leopoldina - 2745 Queluz de Baixo. Distribuição: VASP MLP, Media Logistics Park, Quinta do Crajal. Venda Seca, 2739-511 Agualva-Cacém Tel.: 214 337 000. Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt - Tel.: 808 206 545, Fax: 808 206 133

TIRAGEM MÉDIA: 7 100 exemplares

Registo na ERC com o nº 107 766

Depósito Legal nº 127961/98 - ISSN nº 0872-3540

Estatuto editorial disponível em www.visao.sapo.pt/informacaooperament

A Trust in News não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedade dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade, são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias. Interditada a reprodução, mesmo parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob qualquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais.

